

## Alegre diz que não deve haver "tabu" sobre referendo à monarquia

Ricardo Dias Felner

### "Há repúblicas que não são democráticas e monarquias que são democracias exemplares"

Manuel Alegre admite a possibilidade de vir a defender um referendo à monarquia em Portugal. À margem da apresentação do livro Dom Duarte e a Democracia, o deputado socialista, questionado sobre o assunto, disse não ter "qualquer tabu sobre essa matéria", lembrando que Sottomayor Cardia, fundador do PS, recentemente falecido, apresentou em tempos um projecto de revisão constitucional nesse sentido.

Ressalvando que votaria sempre pela manutenção da República - e não tomaria a "iniciativa" de alterar a Constituição -, o ex-candidato presidencial justificou esta posição com o argumento de que "não há tabus em democracia". Alegre salientaria depois que existem "repúblicas que não são democráticas e monarquias que são democracias exemplares".

Duarte Nuno de Bragança, que o ladeava, pareceu satisfeito com estas declarações, sublinhando a sua admiração por Manuel Alegre, alguém que prova ser possível "defender os valores patrióticos, sendo-se republicano". O poeta retribuiria os elogios, explicando que estava ali pelo "amigo Dom Duarte de Bragança", "sem complexos e sem problemas", para lançar uma biografia "muito interessante".

Minutos depois, já no palco forrado com a bandeira da monarquia do Teatro Gymnasium, em Lisboa, o deputado especificaria os temas em que coincide com o pretendente à coroa de Portugal, agora biografado pelo professor da Universidade Católica, e monárquico assumido, Mendo Castro Henriques.

Em primeiro lugar, o amor à pátria. "Ser português é o sentido essencial de Dom Duarte", disse Manuel Alegre, acrescentando estar na hora de criar um "conceito de pátria moderno". "Se nós desprezamos a nossa identidade, estamos a desprezarmo-nos a nós próprios", sintetizou.

PÚBLICO 23-11-2006

Ligado a este sentimento, Alegre corroborou igualmente alguns temores expressos por Duarte de Bragança relativamente a globalização e às imposições da União Europeia (que atribui "vagos benefícios económicos" em troca da "perda da independência"). O deputado admitiu, inclusive, a necessidade de rever o tratado de Maastricht, alegando que este obriga os Estados-membro a medidas relativas ao défice orçamental, mas nada diz sobre o "défice social".

Outras preocupações partilhadas por ambos, de acordo com Manuel Alegre, têm que ver com assuntos tão díspares como o ordenamento do território, o conhecimento da história", a lusofonia, a imigração, as energias alternativas ou a inserção da comunidade cigana, ou as assimetrias sociais.

Mendo Castro Henriques, autor do livro, por sua vez, apresentou a obra como sendo um "relato circunstanciado da forma com Dom Duarte pensa e organiza a sua acção". O professor catedrático definiu o pretendente à coroa como "um reconciliador entre razões desanvindas", alguém que "num mundo globalizado teima em ser o rosto da identidade portuguesa", alguém que "utiliza o softpower para projectar Portugal".